

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: MOÇAMBIQUE**  
**22 de Abril de 2024**

**A TELEVISÃO NO BAIRRO / 1980**

*Realização:* Moira Forjaz *Montagem:* Licínio Azevedo, Miguel Arraes *Com* populares do bairro.

*Produção:* Moçambique, 1980 *Cópia:* vídeo betacam, preto-e-branco, versão original falada ou dobrada em português, 27 minutos *Nota:* o filme(?) ou esta cópia tem apenas o título, o genérico não está creditado *Inédito comercialmente em Portugal, Passagem anterior:* Doclisboa 2008 (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**UM DIA NUMA ALDEIA COMUNAL / 1981**

*Realização, Argumento, Montagem:* Moira Forjaz *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Ahmad Ali *Assistente de realização:* César Cavalcanti *Assistente de câmara:* Henrique Jorge *Som directo, sonorização, mistura:* Gabriel Mondlane *Texto:* Alexandrino José *Locução:* Jaime Pacheco, Paula Lopes *Entrevistador:* Henrique Jorge *Tradução:* Alexandrino José *Com:* a população da aldeia comunal Vigilância, Moamba; Selina Mpasanganhe (Secretária da OMM), Armando Milione Chauque (Presidente das cooperativas agrícola e de consumo), Eduardo Chauque (chefe das milícias), Aluzira Chongwe (poema)

*Produção:* Moçambique, 1981 *Cópia:* ficheiro digital, preto-e-branco, versão original, 29 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

**NOTA**

Apresentado em betacam, o primeiro título da sessão tem perturbações, visíveis e audíveis decorrentes da materialidade do suporte e do seu desgaste: *Um Dia Numa Aldeia Comunal*, originalmente rodado em película e a ver entre os dois num ficheiro digital, tem uma bastante razoável qualidade de projecção. Não é possível apresentar o terceiro título previsto, *Mineiro Moçambicano* (1981) por um problema decorrente do envio do material a projectar.

**com a presença de Moira Forjaz**

---

É do arranque da Televisão Experimental de Moçambique, que se trata. *A Televisão no Bairro* trata de quando se improvisavam projecções públicas para as comunidades de alguns bairros urbanos para que tomassem contacto com as emissões audiovisuais em Maputo. Num registo que vacila da reportagem ao cinema directo, o filme de Moira Forjaz arranca a coligir depoimentos de populares sobre *o que é a televisão*. Há pergunta, há respostas tentativas. A pergunta começa por ser feita num Centro Cultural de bairro, cuja fachada serve o primeiro plano do filme, em que a escala geral se aproxima, num movimento zoom, do motivo da antena televisiva. “Uma espécie de rádio que nos mostra as imagens colhidas num determinado local.” “É a primeira vez que vejo televisão”, replica um outro entre os *companheiros* inicialmente escutados sobre o que ali os traz. É uma plateia de homens, mulheres, crianças, reunidos no escuro diante de um pequeno ecrã, literalmente assim filmado. No final, o plano menos geral, deixa ver o quadradinho-janela do monitor televisivo a flutuar suspenso no fundo negro que, numa projecção deste filme, ocupa o ecrã de cinema. É uma boa, eloquente, simples, ideia, cinematográfica.

O filme de Moira Forjaz, montado por Licínio Azevedo e Miguel Arraes, joga aliás com isso mesmo: a primeira emissão mostra um filme, um Chaplin mudo (com banda musical de piano), a que os contracampos das crianças, atentas ou irrequietas, emprestam graça. Os adultos falam do fenómeno, da experiência de ver por mediação, por exemplo na actualidade noticiosa. A montagem assenta nos três eixos: as emissões como experiência comunitária e o pequeno dentro do grande ecrã com os seus motivos – noticiário, filmes (um western além de um Chaplin, ou um outro filme legendado em português); os contracampos da assistência; os depoimentos captados *in loco* ou em diferido, também passando pela questão da língua e das legendas ou de expectativas em relação ao que seria desejável ver por uma população tanto tempo “castigada pelo colonialismo”, como diz uma mulher no segmento final em que *liberdade* é palavra-mestra.

No início da década de 1980, Moira Forjaz estava em Moçambique havia anos. Quando se dá a Revolução de 1974 em Portugal, deixara a Suzailândia onde se instalara com marido e filho em 1968 e seguira para lá. Numa entrevista a Cristina Freire, disponível no espaço virtual da contemporaneidade, a fotógrafa também realizadora é apresentada como uma mulher que escolheu viver em Moçambique. Nascida em Bulawayo, na antiga Rodésia, actual Zimbabué, durante a II Guerra Mundial, Moira estudou na Escola de Artes e Desenho de Joanesburgo, travou uma amizade decisiva com a activista sul-africana Ruth First (assassinada em 1982, em Moçambique) e tomou contacto com o jornalismo. Em Moçambique, foi fotógrafa de Samora Machel e colaborou com a Agência de Informação – “Eu era a única mulher e a mais velha de todos, não foi fácil, mas foi fantástico. Também trabalhei no Instituto Nacional Audiovisual e Cinema, onde aprendi muito com Jean Rouch e com Jean-Luc Godard. E fiz três curtas-metragens. Ganhei um prémio, com um filme de autor, na categoria de Melhor Documentário no Festival de Cinema de Leipzig na Alemanha.”

Esse filme é *Um Dia Numa Aldeia Comunal*, uma narrativa da vida “dos seus habitantes maioritariamente mulheres. Era a aldeia Vigilância e, quando o filme ficou pronto, voltei lá, queria mostrá-lo às pessoas, mas já não havia pessoas, morreram devido à guerra. Foi um dos primeiros locais a ser atacado em 1977.” É um belo filme, um retrato da aldeia localizada a cento e sessenta quilómetros da capital moçambicana, a aldeia comunal Vigilância, nascida havia três anos, precisa a voz *off* feminina, sobre as imagens da paisagem, aldeia e habitantes, mulheres e crianças, uma experiência de comunidade em construção – “vejam quem somos, oiçam o que queremos [...] para dizer finalmente adeus ao subdesenvolvimento”. Os testemunhos na primeira pessoa, das mulheres, filmadas ao lado dos seus homens e das suas crianças, são dobrados, em português, por uma voz masculina que, no entanto, deixa ouvir a vibração da fala, do som directo, dando conta do quotidiano colectivo, expectativas, passado e futuro. A história da aldeia é contada em *off* no terço final do filme, numa sequência desenhada e gráfica que a descreve como tendo surgido com base na cooperativa homónima, em diálogo com a população de camponeses e artesãos, fixadas as “áreas sociais e económicas”, construindo-se a escola, a casa de hóspedes, o centro comunal, a sede do partido, o estaleiro da cerâmica e os seus fornos, a cooperativa do consumo, demarcando-se “as áreas de cultivo familiar”. “Tudo isto foi realizado colectivamente” sendo o trabalho colectivo “a condição principal para se ser membro desta comunidade rural [...]” tendo em vista “construir esta pequena célula da coluna vertebral do desenvolvimento moçambicano”.

O *colectivo* assente em sessenta e cinco pessoas, membros da cooperativa, a esmagadora maioria das quais mulheres, enforma o filme, marcado pelos planos de uma roda de crianças, do movimento circular de uma mulher em trabalho, ou as figuras e os cantos das mulheres no cultivo da terra e no trabalho artesanal, os seus depoimentos falando do trabalho e da fadiga, da falta de uma creche para as crianças, das dificuldades sentidas. Numa brochura do Instituto Nacional de Cinema relativa a uma retrospectiva do cinema moçambicano de Junho de 1982, reflecte-se sobre *cinema colonial, cinema sobre a luta armada de libertação nacional, cinema sobre Moçambique independente*, dizendo-se, de *Um Dia numa Aldeia Comunal* que capta as novas relações sociais entre camponeses e artesões na aldeia Vigilância – “O processo é lento e o caminho está semeado de pequenos e grandes obstáculos que os habitantes da aldeia procuram resolver entre si. Assim, as mulheres queixam-se que trabalham demais, pois são elas quem constrói as casas, cultiva a terra, faz a lida caseira e ainda tem de se ocupar das crianças por não haver uma creche [...]” Quando a noite cai, as rodas e os cantos regressam em desfecho do dia, no desfecho do filme.

E os cartões finais põem a tónica, devolvendo a palavra aos moçambicanos – “Lutemos pela pátria | Lutemos pela pátria | Lutemos pela pátria | Pátria nossa moçambicana/ Os nossos avós | presos para o Chibako | No fim disso não receberem/ Tudo isto é culpa do explorador/ Os nossos pais construíram escolas | No fim disso não podiam estudar | Tudo isso é culpa do explorador/ Bem-vindo Moçambique | No tempo do colono não víamos nada disso | Agora estamos independentes/ Uma mulher mata uma galinha | come a perna e moela | Tudo isto é devido à independência.”

Maria João Madeira